



A primeira occupação hollandeza do Ceará.

1637--1645

(Em face de documentos ineditos)

O dominio hollandez no Brazil Oriental attingio o maximo da sua expansão durante o governo do Conde Mauricio de Nassau; zeloso do progresso interior das regiões já conquistadas, aquelle administrador exemplar se mostrou igualmente empenhado em alargar-lhes as fronteiras, e conseguiu, por algum tempo, fazer a tricolor neerlandeza fluctuar das margens do S. Francisco ás do Itapicuru.

Data tambem desta epoca a primeira occupação do Ceará.

Já em fins de 1633 fôra o seu littoral explorado pelo hyate *Nieur—Nederlandt*, do capitão Josot Coolster, que chegou a trocar canhoneços com o forte de S. Sebastião. (*)

Mas, só quatro annos depois teve lugar a invasão.

Em 25 de Agosto de 1637 escrevia Nassau (**)
à Assembléa dos XIX: " Ha dias chegaram aqui ao Recife dous brasilienses vindos do *Syara*, tendo dei-

(*) *Joannes de Laet. Historie ofte Jaerlijck Verhael. Leyden, 1644, pp. 255-256.*

(**) *Brieven en Papieren uit Brazilie. Anno 1637. N.º 28.* Esta grande e preciosa colleção de documentos hollandezos ineditos pertence ao archivo do *Instituto Archeologico e Geographico Pernambucano.*

xado no Rio Grande os companheiros em numero de quarenta; declararam terem sido enviados para nos convidarem a effectuar a conquista daquella região, promettendo nos entregar o forte ali existente, ajudar a expulsar os portuguezes e fazer-nos senhores da terra. No intuito de mais nos animar, disseram haver nas suas proximidades bellas salinas, que podem fornecer muito sal, alem de ambar e algodão. Tivemos bons desejos de tentar a empreza; mas, a occasião era impropria: quasi todos os navios estavam ao mar em frente à Bahia e dos restantes precisavamos para a expedição resolvida contra a Angola; por estes motivos, depois de havel os em tudo satisfeito, mandamos que regressassem para junto dos seus do Rio Grande, com a segurança de que na primeira opportunidade enviariamos para ali uma frota, à vista do que partiram. Entretanto não deixaremos de aproveitar o ensejo propicio de accidentalmente nos apoderarmos d'aquelle lugar, e assim afastar os portuguezes das nossas fronteiras."

Não se fez esperar muito a almejada conjunctura, e, menos de dous mezes depois, o commettimento tinha principio.

A 14 de Outubro faziam se de vela do Recife, rumo de nordeste, os hyates *De Brack* (O Braço) e *De Hemp Haen* (O Galló de Briga) conduzindo 126 soldados sob o commando do major Georges Garstman, official experimentado, que já anteriormente muito se distinguira no governo do Rio Grande (*).

Até ali foi a viagem assaz demorada, pois só a 22 lançaram ferro junto ao Forte Ceulen; mas, já a 25 fundeavam na Bahia de *Morcoripe*. Na mesma tarde pretenderam desembarcar, o que não conseguiram devido à impetuosidade da ressaca.

Na manhã de 26, porem, já se achavam todos em terra e, em companhia dos brasilienses que, com

(*) Carta de Nassau à Assemblêa dos XIX, em 17 de Novembro de 1637. *Br. en Pap. u. Braz.* Anno 1637. N.º 31.

o seu principal *Algodon*, tinham vindo ao seu encontro na noite anterior marcharam em direcção ao *Syara*, chegando pelas quatro horas da tarde a umas casas, situadas sobre uma collina junto à povoação de.....*, de onde avistaram o forte.

Vendo que este era de forma quasi quadrada, sem baluartes e com duas torres ou guaritas nos angulos, assaltaram-no sem demora por dous lados: a muralha, de pedras soltas arrumadas sem argamassa, tinha de oito a dez pés de altura e foi resolutamente escalada pelos soldados; foi curta a peleja e, com perda apenas de poucos feridos, os assaltantes se apoderaram do forte, mortos varios dos defensores, entre os quaes o bravo commandante capitão Domingos da Veiga Cabral.

Da primitiva guarnição, de sómente trinta e tres homens, o resto cahio prisioneiro dos hollandezes, que a custo obstaram fosse massacrado pelos ferozes auxiliares indigenas.

No forte foram apenas encontradas quatro peças de ferro de 4 lb. e uma de 2 lb., alguma pólvora e munições.

Ficou guarnecendo o o tenente Hendrik van Ham com 45 soldados.

O major Gartsman, com parte da força e dos brasilienses e alguns prisioneiros, entre estes os officiaes, regressou para o Recife por terra, afim de em caminho visitar os differentes lugares em que diziam existir salinas; realmente encontrou-as em varios pontos, mas, necessitando de obras para poderem ser aproveitadas; achou tambem algum sal que não pôde apanhar por ser prea mar.

O capitão Hous, immediato da expedição, voltou com o restante da tropa e prisioneiros nos dous hyates.

Participando estes successos à Assembléa dos

(*) Em branco no original.

XIX, accrescenta o Supremo Concelho do Brazil (*): «O tenente van Ham ficou encarregado de se informar dos recursos e productos da região e se é possível d'ali tirar algum proveito; é certo que se encontra algum ambar, mas, por só isto não valerá a pena manter uma guarnição, tanto mais não havendo salinas nas proximidades.» E termina asseverando com evidente jubilo «Agora que o *Syará* foi conquistado, não resta em poder dos portuguezes mais nenhuma praça até o Maranhão.»

Como vemos, ambar e sal eram então os unicos productos do Ceará capazes de excitar a cubiça dos invasores.

O tenente van Ham não poupou diligencias para bem cumprir as ordens recebidas; mas, é pouco atrahente o quadro traçado na sua carta enviada, do Forte de S. Sebastião ao Conde de Nassau, em 19 de Abril de 1638 (***) que, por conter muitos dados interessantes, passamos a traduzir na integra:

«O sr. major Gartsman tendo d'aqui partido a 11 de Novembro do anno passado, sem duvida informou a V. Exc. circunstanciadamente da situação d'este forte, e do paiz e seus habitantes em geral. Apoz a sua partida examinei-o tambem demoradamente, quanto me foi possível, e só posso dizer a V. Exc. que esta terra é muito accidentada e arenosa, sem prestimo algum para o plantio de cannaviaes e a construcção de engenhos, não possuindo tambem madeira (***) ou outras cousas de proveito. As salinas são igualmente de pouca importancia; ha algumas para o interior de que tiram sal de qualidade inferior, e outras junto à praia, mas que todas não forneceriam o bastante para um carregamento.

Com relação ao ambar gris, de que os brasili-

(*) Carta de 15 de Janeiro de 1638. *Br. en Pap. n. Braz. Anno 1638. N.º 1.*

(**) *Br. en Pap. n. Braz. Anno 1638. N.º 10.*

(***) Leia-se — *pau-brasil*.

enses tanto cabedal fizeram junto a V. Exc. e os Snrs. do Supremo Concelho, só vi até agora quatro pedaços, pesando cerca de tres onças, que me foram trazidos pelo principal da pequena aldeia, chamado *Koyaba*.

Tenho tratado os brasilienses da melhor maneira possível, dando-lhes de comer, de beber, e toda a sorte de presentes, afim de incital os a procurar ambar ao longo da praia; voltam, porem, sempre de mãos vazias dizendo não haverem-no encontrado.

Os indigenas d'aqui têm duas aldeias, sendo uma grande e outra pequena, e distantes d'aqui duas e quatro horas de caminho; cada uma tem o seu principal, sendo o da maior chamado *Diogo Algedor* e o da menor *Koygawa*.

A 10 de Janeiro celebraram aqui uma grande festa pelo seu *Arele Fijisado*, o que fazem annualmente, devendo a ella comparecer todos junto a uma grande *Allagoa* ou lago muito piscoso, distante d'aqui tres horas.

Convidado tambem para esta festa, encontrei ali reunidos para mais de 2500 brasilienses, grandes e pequenos, homens e mulheres, afóra os velhos que não podiam andar.

Destes brasilienses nem a terça parte mora nas aldeias, vivendo a materia esparsa por muitos lugares onde têm as suas roças ou plantações de *faringa*. E' uma gente vagabunda, selvagem e impia; os homens têm duas e tres mulheres, não fazem senão comer e beber, guardando durante todo o anno certas bebidas, com que a miudo se embriagam, como seja vinho de *Caschu* e tambem de batatas e de milho.

Alguns têm roças, na maior parte, porem, procuram a sua alimentação no matto; não posso obter delles o minimo auxilio ou serviço sem pagamento, por quanto allegam que se não o fizeram para os

portuguezes muito menos devem-no fazer para nós, já que a terra lhes pertence.

Creio poder garantir que encontram ambar-gris e vão levá-lo ao Rio Grande e outros lugares, para onde constantemente vão e de onde voltam sem sciencia minha.

Ha tambem aqui não poucos brasilienses vindos de *Pariba* e do Rio Grande e que para lá regressam, os quaes bem podem levar o ambar: seria muito para desejar que V. Exc. enviasse alguns dos maiores das aldeias de *Pariba* e do Rio Grande, que bem conhecem os de lá fugidos, afim de reconduzil-os.

Seria muito conveniente transportar duns 100—300 brasilienses d'aqui para as aldeias do Rio Grande; tambem não seria mau que V. Exc. deliberasse collocar á testa de cada aldeia, como capitão, a um dos nossos, ou me dösse autorização para designar pessoas capazes para estes cargos, que exercessem melhor fiscalisação quanto aos fugidos do Rio Grande e outros lugares, fazendo-os promptamente regressar, e dirigindo-os brasilienses d'aqui com mais zelo na procura de ambar.

Alem desses brasilienses moram aqui duas nações de Tapuias, que são nossos amigos; o principal duma dellas, chamado *Kytayo*, tem uma grande aldeia de bellas cabanas distante do forte sete horas de caminho; o outro principal, de nome *Jercherya*, esteve aqui ha poucos dias, vindo das salinas, com toda a sua gente, e permanece ainda na grande aldeia de *Algedon*; mas, pretende edificar uma aldeia propria.

E' esta uma gente da qual pouco proveito se pôde esperar; tambem nada sabem fazer senão correr pelo matto em busca de alimentos; todas as semanas me vêm visitar, ficam aqui um ou dous dias comendo e bebendo, e retiram-se de novo; mas, affirmam querer permanecer na obediencia da Companhia e de V. Exc. e deixar-se empregar ao seu serviço.

Depois da tomada do forte o major Garstman foi informado de que, cerca de trinta milhas ao ocste deste forte, num lugar chamado *Juriquaquu*, havia ainda alguns brasilienses que se dizem nossos amigos; por este motivo resolvi mandar ao seu encontro alguns brasilienses afim de verificarem se realmente querem submitter-se à Companhia e a V. Exc.; mas, até agora ainda não regressaram. Depois da sua partida chegaram aqui, a 13 de Dezembro ultimo, dous principaes de nomes *Diogo Deme-rethie* e *Philippe Amiassu* com 150 brasilienses, e tambem dous principaes dos Tapuyas, chamados *Itheapebuca* e *Watickene Drembembe*, com 50 Tapuyas, que aqui estiveram acampados dez dias, apresentando tambem os seus servigos à Companhia e a V. Exc. e solicitando serem admittidos a lhes prestar obediencia, afim de serem opportunamente empregados.

Dizem mais que nas cercanias das suas habitações ha pouca madeira (*), do que aliás o major Garstman já deve ter informado a V. Exc., o que attribuem a terem outr'ora os francezes levado d'ali carregamentos inteiros.

Alfredo de Carvalho.

(Continúa).

(*) Leia-se - pau-brasil.

